

Brasil



Márcio de Lima Leite, presidente da Anfavea: estragos provocados no agronegócio gaúcho tendem a se refletir na demanda por veículos e máquinas

Conjuntura Além de perda na produção e nas vendas na região, transporte para o resto do país e Mercosul está prejudicado

Indústria de veículos sente efeitos da tragédia no RS

Marli Olmos
De São Paulo

A tragédia provocada pelas enchentes no Rio Grande do Sul terá impacto na indústria de veículos, por vários lados. Haverá perda de produção e de vendas nas fábricas das montadoras, das autopeças e concessionárias da região. Além disso, o transporte desses itens nas rodovias que ligam o Sul ao resto do país e aos vizinhos do Mercosul está prejudicado. Por fim, há uma expectativa de queda da demanda de picapes, caminhões e máquinas pelo agronegócio, fortemente castigado pelas inundações.

Segundo o presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes (Sindipeças), Claudio Sahad, as fábricas de autopeças mais afetadas estão localizadas na região de Porto Alegre. As que ficam em Caxias do Sul e Gravatá foram menos afetadas. O Rio Grande do Sul representou 12% do faturamento do setor em 2023, que totalizou R\$ 12,8 bilhões, segundo dados da entidade. O Estado também responde por 11% das exportações de peças e 8,1% dos empregos do setor.

Nas montadoras, a General Motors decidiu suspender a produção na fábrica de Gravatá nesta semana. A unidade já estava com parada programada nos dias

6 e 7 para ajuste de produção, o que acabou coincidindo com o desastre provocado pelas fortes chuvas. Na terça-feira, a empresa decidiu estender a paralisação com vistas a garantir a segurança dos funcionários da unidade onde é fabricado o modelo Onix.

A Anfavea, associação que representa as montadoras, calcula a possibilidade de uma tragédia ter impacto nos resultados do setor em 2024. Segundo o presidente da entidade, Márcio de Lima Leite, os estragos provocados no agronegócio tendem a se refletir na demanda por veículos e máquinas.

A HPE, representante e fabricante da marca Mitsubishi no país, suspendeu a entrega de carros que já estavam faturados para o mercado do Rio Grande do Sul. Além disso, adiou a cobrança de pagamentos de taxas de estoques de veículos e de peças nas concessionárias da região, segundo Mauro Correia, presidente da HPE.

Fabricante de picapes, a repre-

"Preparamos picapes com guinchos; é hora de ajudar"
Mauro Correia

sentante da Mitsubishi também prevê impacto no mercado. "Além da participação de 70% na produção de arroz no país, o Rio Grande do Sul é forte na produção de leite, soja, milho. Embora as áreas de cultivo sejam menores em comparação com outras regiões é um Estado em que o agronegócio se destaca pela boa organização de cooperativas", destaca Correia.

Segundo o executivo, os cálculos dos prejuízos virão depois. "Agora é hora de ajudar", diz, ao completar que a empresa prepara picapes com guinchos para ajudar nos trabalhos de remoção.

O setor automotivo ainda não calculou a extensão dos prejuízos provocados pelas dificuldades nos acessos a estradas, portos e aeroportos. Mas, além da conexão com o restante do país, o Sul liga o Brasil aos vizinhos Argentina, Uruguai e Paraguai.

Na Argentina está instalado um importante parque fabril de veículos que depende, em grande parte, de peças exportadas do Brasil. Praticamente todos os fabricantes de carros instalados no Brasil também têm linhas de produção no país vizinho.

Além de parcerias com organizações, como a Cruz Vermelha, para fornecer veículos que ajudam no resgate de vítimas e recuperações de áreas, empresas do setor

trabalham com voluntários para apoiar empregados atingidos e a comunidade com doações em dinheiro, alimentos e roupas.

A tragédia no Sul acontece num momento em que as montadoras comemoravam os resultados de produção e de vendas no primeiro trimestre.

Embalada pela oferta de crédito, a venda de veículos registra ritmo acelerado desde janeiro. Em abril, o volume de licenciamentos cresceu 37,4%, num total de 220,8 mil veículos, na comparação com o mesmo mês de 2023. Foi o melhor resultado desde dezembro de 2022 e o melhor abril desde 2014. No trimestre, a venda de carros, comerciais leves, caminhões e ônibus aumentou 16,3%, para 735,4 mil unidades.

O aumento da demanda no mercado interno tem provocado crescimento na produção. Em abril, deixaram as linhas de montagem 222,1 mil veículos, um avanço de 24,2% na comparação com o mesmo mês de 2023. No trimestre, a produção subiu 6,3% para 760,1 mil veículos.

Segundo Leite, nos primeiros quatro meses, houve aumento de 35,7% na oferta de crédito, o que estimula a demanda interna. Segundo ele, o cenário é positivo "mesmo que a queda da Selic não siga o ritmo que desejávamos".

Petróleo caminha para liderar exportações do país

Estevão Taiar e Marta Watanabe
De Brasília e São Paulo

Com a indústria extrativa responsável por um quarto da exportação brasileira, o petróleo ganha cada vez mais destaque e caminha para ser o principal produto da pauta de exportação brasileira de 2024. O desempenho da commodity ajudou na receita recorde de embarques para o período de janeiro a abril. A diferença do petróleo para a soja, que está no topo do ranking do período, é apenas de US\$ 300 milhões. Os embarques totais seguiram puxados por volumes, o que compensa a queda de preços, dinamismo semelhante ao do total das importações.

A balança comercial registrou superávit de US\$ 9,04 bilhões em abril, segundo dados divulgados ontem pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic). No acumulado do ano, o superávit alcançou US\$ 27,74 bilhões. As exportações somaram US\$ 108,9 bilhões, alta de 5,7%. Já as importações cresceram 2,2% e alcançaram US\$ 81,1 bilhões.

Puxada por petróleo bruto e minério de ferro, a participação da indústria extrativa na exportação total brasileira avançou de 21,7% para 25,8% de janeiro a abril de 2023 para igual período deste ano.

As duas commodities tiveram alta na receita de exportação em

nível acima da média dos embarques totais. O valor embarcado de petróleo e de minério de ferro cresceu, respectivamente, 29,3% e 24,8% de janeiro a abril contra iguais meses de 2023. No mesmo período, a exportação total do país aumentou em 5,7%

Herlon Brandão, diretor de Estatísticas e Estudos de Comércio Exterior do Mdic, afirmou que o "petróleo tem sido o grande destaque" das exportações nos quatro primeiros meses deste ano.

José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), diz que o petróleo caminha para ser o principal produto da pauta de exportação brasileira em 2024. Os dados da Secex mostram ainda que, apesar da queda de 3% nos preços, o aumento de receita com petróleo foi garantido por volume de embarque, que cresceu 33,4%, sempre de janeiro a abril deste ano contra iguais meses do ano passado.

"Mantendo o ritmo atual, mesmo que não haja aumento de preços, o petróleo se tornará o principal produto exportado pelo Brasil em 2024", diz Castro. A soja, explica, está à frente atualmente, mas a exportação do grão tem grande sazonalidade e deverá cair a partir de setembro. Além disso, diz ele, há neste momento antecipação de embarques, o que tem trazido bom desempenho de volume da

soja nas vendas externas, mas a safra do grão em 2024 não será tão grande quanto a do ano passado.

No agregado das exportações o bom desempenho dos volumes, que cresceram 10,6% de janeiro a abril, continuam compensando os preços, que caíram 4,2%, sempre na comparação com igual meses de 2023. Nas importações houve dinâmica semelhante, com aumento de 12,6% na quantidade e queda de 9,9% nos preços.

Lucas Barbosa, economista da AZ Quest, diz que a dinâmica da balança segue "robusta", com exportação que se mantém ao redor de US\$ 345 bilhões no acumulado de 12 meses. As importações, que vinham em queda, diz Barbosa, parecem ter se estabilizado em patamar próximo de US\$ 240 bilhões em 12 meses, com dinâmica mais heterogênea entre os setores e sinais de que podem acelerar. Isso, destaca, já pode ser observado em itens industriais e de bens de capital, o que pode refletir as políticas do governo de estímulo à atualização do parque industrial e está em consonância com a perspectiva de crescimento da economia mais disseminado em 2024.

Segundo dados da Secex, considerando a importação por categorias econômicas, o aumento de volume nas compras externas foi puxado por bens de capital,

com alta de 19,6%, e por bens de consumo, que cresceram 20,4%.

Nas relações bilaterais, chamam a atenção as trocas com a Argentina. Depois de um superávit de apenas US\$ 75,5 milhões de janeiro a março, a balança comercial do Brasil com a Argentina virou o sinal no acumulado do até abril, com déficit de US\$ 40,3 milhões.

O resultado não surpreende, diz Castro, da AEB. "Os argentinos reduzem as importações em busca de melhor saldo comercial não somente pela falta de divisas mas também para mostrar alguma medida que possa melhorar as condições do setor externo. Isso afeta as exportações brasileiras." Os dados da Secex mostram que houve queda de 29,9% no valor embarcado pelo Brasil aos argentinos de janeiro a abril deste ano contra iguais meses de 2023. As importações cresceram 2,9%.

Questionado sobre os efeitos na balança do desastre ambiental no Rio Grande do Sul, Brandão disse que o Estado é atualmente o sexto maior exportador do Brasil. Entre os itens mais vendidos, estão soja, tabaco e carne bovina, além de produtos industrializados, como calçados, polímeros plásticos e máquinas agrícolas. O impacto das enchentes sobre as vendas de soja é "ainda é incerto", disse.

COMÉRCIO EM PAUTA
Trabalho que valoriza o Brasil

SISTEMA COMÉRCIO SE MOBILIZA EM TODO O BRASIL PARA AJUDAR VÍTIMAS DAS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

A CNC, as Federações que integram o Sistema Comércio, o Sesc e o Senac participam da grande mobilização realizada no País em auxílio ao Estado do Rio Grande do Sul, que sofre com as fortes chuvas e enchentes e registra um grande número de desabrigados e desalojados.

O presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, assinou um documento em apoio à Federação-RS para destinar

ajuda às vítimas das chuvas no Estado. "Estendemos nossa solidariedade ao Rio Grande do Sul pelo Sistema CNC-Sesc-Senac e todas as Federações do País. O Brasil é um só", afirmou. Tadros enfatizou o compromisso do Sistema com a melhoria das condições de vida dos gaúchos e com a distribuição de toneladas de alimentos, que estão sendo arrecadados, inclusive, por Federações do Comércio de todas as regiões do País.



José Roberto Tadros na assinatura do documento de ajuda ao Sul

UNIDADES DO SESC E SENAC ESTÃO FUNCIONANDO COMO PONTOS DE COLETA E ABRIGOS

O programa Sesc Mesa Brasil vem atuando ao lado da Defesa Civil de vários municípios gaúchos na distribuição das doações. Além disso, unidades da instituição no Estado, assim como do Senac, funcionam como pontos de coleta de arrecadações e abrigo às famílias que tiveram de abandonar suas casas.

O Sesc Mesa Brasil está aceitando doações em dinheiro, via PIX para mesa-brasil@sesc-rs.com.br ou depósito/transferência para Banco do Brasil, agência 3418-5, conta corrente 6461-0, CNPJ 03.575.238-0001/33, em nome de Sesc

Mesa Brasil 2020. Os recursos serão utilizados para ajudar aos desabrigados.

Em outra frente, o Sesc e o Senac estão mobilizando a rede de parceiros e seus públicos em todo o País, em uma grande rede de solidariedade, para ampliar o recebimento de doações para o Rio Grande do Sul. Em diversos estados, foram montados postos de coleta em unidades das instituições para arrecadação de alimentos, roupas, calçados, cobertores e itens de higiene pessoal.

As doações serão encaminhadas ao povo gaúcho por meio de uma força-tarefa, até o final da semana.



O Sesc e o Senac estão formando uma grande rede de solidariedade

www.portaldocomercio.org.br

@sistema.cnc @sistemacnc @sistemacnc @tvccnlonline